



INFORMAÇÃO OBREIRA



à AMI, às JUGA, às MNG e a dezenas de independentistas nom organizados ou militando em outras estruturas para "reorganizar o movimento".

O seu esforço nom alcança finalmente concreção organizativa, mas sim estende a percepção de que o MLNG deve dotar-se de estrutura política referencial. Muito crítico das *vanguardas por decreto*, do absentismo sindical e dos processos de construo político sem cimentação de base, distancia-se do *Processo Espiral* e mantém a sua militância independentista colaborando com multíplum de organizações, associações e colectivos e desenvolvendo o trabalho sindical que tam essencial considera.

Informação Obreira

Da vocação do Moncho para vincular reflexom e análise com militância e luta política, assim como da sua profunda preocupação por impulsionar a participação da classe trabalhadora no MLNG, dá mostra a publicação de *Informação Obreira*. IO sai à luz em Março de 1994 como iniciativa dum grupo de independentistas e continua até 1999, publicando 25 números correntes e 2 especiais. Esta colecção que é fruto dum intenso trabalho teórico e analítico é fundamental para o estudo do sindicalismo e do nacionalismo galego contemporâneo. *Informação Obreira* é memória histórica em estado puro mas nom apenas como olhada ao passado, senom procurando nele lições para o futuro.

Psiquiatria e compromisso

O percurso profissional do *Muntxa*, que nesta síntese separamos gratuitamente do político e militante por razões de clariade expositiva, dá-nos a evidência mais clara da sua atitude vital. Recorre o despedimento de Conjo chegando ao TC. Ganha o conflito. A sentença senta jurisprudência. Enquanto os tribunais resolvem, o nosso home, do que nesse momento depende umha família, fai substituições de dias ou meses na Crunha. Em 1986 pom a andar em Lugo a primeira Unidade de Saúde Mental (USM) da *provincia* e organiza a União de Trabalhador@s da Sanidade da Galiza (UTSG) nessa cidade. Readmitido em Conjo, é submetido a açossa laboral sistemática pola direcção do hospital e abandona o centro em Maio de 1988.

Trabalha na Unidade de Psícoicos Jovens do Hospital Psiquiátrico do Rebulhom (1991-1995) onde continua sindicalmente activo e cria a *Comunidade Terapéutica 6 de Maio*. A UPJ é mostra da sua estratégia terapéutica: funciona assemblearmente e por consenso, doentes e equipa sanitária reúnem-se a diário para debaterem e tomarem decisoms, a equipa médica reúne-se cada mês com as famílias para analisar a evoluçom dos doentes, etc. A revista *Maxi* editada nesta etapa será o ponto de encontro entre doentes e sociedade. É também neste período que, como resultado do sectarismo que impera em parte da direcção sindical nacionalista, é



expulso da CIG junto a outr@s militantes independentistas vinculad@s à APU. Serám readmitid@s anos mais tarde.

Moncho trata de estender a nível nacional a experiência do Rebulhom. Em 1992 reúne doentes de várias comarcas do País, trabalhador@s da Saúde Mental e pessoas preocupadas com esta situação. Nasce a Associação Gaiola, presidida polo histórico nacionalista Antón Moreda, que desde meados de 60 está internado no psiquiátrico de Castro de Ribeiras de Lea. Esta associação edita a revista *Gaiola Aberta*, organiza palestras e combate a invisibilização da marginalidade social d@s doentes.

Trás deixar O Rebulhom, *Muntxa* está largo tempo subempregado. Finalmente, contrata-o a Associação de Familiares de Doentes Mentais de Redondela Lenda, complementando os limitados ingressos que recebe por esta via com os derivados de fazer guardas no hospital de Toém. Semanalmente, percorre milhares de quilómetros para deslocar-se entre Bertamirás, Toém e Redondela e cumprir os seus compromissos com @s independentistas dispersad@s pola geografia carcerária do Estado.



Em 2001 atende a consulta de Psiquiatria na USM do hospital comarcal do Barco de Valdeorras. Ali fai trabalho sindical enquadrado na CIG e funda também a associação *Aluvióm*, que edita a revista do mesmo nome. A falta de tempo desde a sua marcha do Rebulhom impede a

saída de *Gaiola Aberta*, mas os seus colaboradores continuam a se exprimir em *A voz de Lenda* (Redondela) e em *Aluvióm*, mas em Outubro de 2005 renasce a Associação Gaiola com novos pulos. Actualmente *Aluvióm*, *A voz de Lenda* e *Gaiola Aberta* som as únicas revistas galegas feitas por doentes como experiência de reabilitaçom da saúde mental, programadas, desenhadas e escritas, integralmente em idioma galego...!. Ramon, autor do editorial, continua a falar da importância deste monolingüismo galego das três revistas.

Em 2005, depois de aprovar a primeira oposição à que tivo oportunidade de se apresentar, regressa a Conjo. Os psiquiatras oficiais nom gostam da sua volta. Felizmente para todos, terá que viajar à Povoia do Caraminhal. Os demais nom se queriam molestar, li preferia nom ter uns olhos de capataz nas suas costas, primeiro foi dous dias por semana, depois três... aginha se fijo amigo daqueles marinhoiros capazes de colherem a sua dorna e irem procurar umhas pescadas para aquele médico tam particular que lhes falava em galego e que lhes dizia: "A crise... que a pague o capital!". Muntxaraz podia também viver toda a semana com os seus e nom tinha que jogar a vida por todas as estradas da Galiza.

Muntxaraz, um home galego

Assinalavamos ao principio a dificuldade de sintetizar em palavras o significado da vida dum ser humano e como esta fim se fai mais com-

plexa quando, como ocorre neste caso, esse ser tem as dimensões e a qualidade humana do *Muntxa*. A síntese que apresentamos como homenagem ao militante, o irmao, o home galego, que foi Muntxaraz, nom pode esquivar umha alusão à sua enorme humanidade e humildade, ao amor profundo e exemplar que professou por esta velha naçom e à luta pola sua liberaçom nacional e social, à sua singleza, ao ódio que nele suscitava a injustiça, à sua extraordinária capacidade para captar a essência das pessoas...

Presente até que lhe foi possível nas mobilizações importantes do País e sempre ávido de saber o que se passava nas que já nom podia estar, Muntxaraz abandonou-nos como sempre quiço, com orgulho militante, com determinaçom e valor, animando-nos a "nom perder o tempo" visitando-o se isso presupunha relegar tarefas militantes e, como se diz vulgarmente, "com as botas postas".

Na lembrança, com agarimo e com intencóm de fazer do seu compromisso um modelo e estandarte, vaia esta pequena homenagem do seu povo ao companheiro e irmao que deixa em nós um vazío irreparável.



Ramón Muntzaraz, unha vida de combate e militancia ao servizo do pobo galego

Resulta imposible resumir en palabras o que significa a vida de unha persoa, para aqueles que a amáron, para as que com ela partilharon luitas, sonhos e combates ou, incluso, para a historia dum povo. Esta tarefa torna-se ainda mais complexa se o obxecto a sintetizar é a peripécia vital dum ser tam rico e multifacético como Ramón Muntzaraz, poliédrico en dedicacións e intereses, irredutível aos rótulos simplificadoros e tam difícil de abarcar nesa humilde imensidade que o caracterizava.

Contodo, faremos o esforço de síntese e diremos que Ramón foi um home que se fíxo galego por propia vontade e decisión, que se identificou com este País e amou e lutou pola Galiza com firmeza e pasióm; diremos tamén que foi um apaixonado da classe trabalhadora, particularmente, da classe trabalhadora galega, á que tributou boa parte da sua vida, reflexons e esforços e diremos, finalmente, que como bom comunista odiou toda injustiça, toda marginalización e toda opresión; identificou-se vitalmente com os que as padeciam e utilizou o seu labor profesional como martelo e alavanca para combater-las.

Os começos do rebelde

Aquel menino espigado que com o tempo sería conhecido, respeitado e querido por centenas de militantes galegos como Muntzaraz, *Moncho* ou *O Muntxa*, chegava ao mundo no outono de 1947 na vila



de Gálvez, situada nunha chaira da provincia española de Toledo. Ali o seu pai, *médico de pueblo*, estivo destinado unha temporada tam breve que o propio *Muntxa* nom guardava lembranças da etapa. Posteriormente, Ramón Muntzaraz pai deslocaria-se para Las Rozas (Madrid) a exercer a profissóm e ali trabalharia practicamente o resto da sua vida, como testemunha a existéncia dumha rua que naquela localidade española leva o seu nome.

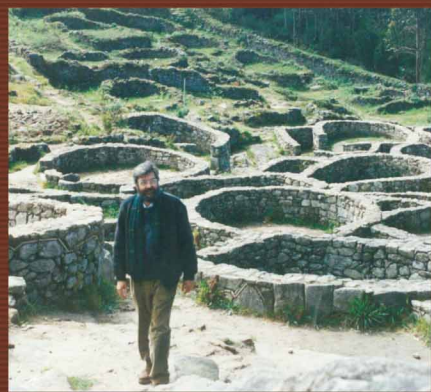
Muntzaraz cria-se com os seus avós en La Puebla de Montalbán (Toledo) e a este lugar físico se liga a sua infância e primeira adolescéncia, actualmente refletidas nos contos auto-biográficos escritos para a sua filha Maruxa. Seguindo a tradición familiar, estuda Medicina en Salamanca. Nesta etapa universitária, na fase terminal do regime franquista e sob unha dura represión, Muntzaraz dá as primeiras mostras da que sería a sua constante vital mais notória: o compromiso militante e a radicalidade propositiva.

Em 1974-1975, incorpora-se ao servizo militar onde passa consulta com o psiquiatra. Esta etapa, em que se mestura o contacto com o sufrimento humano e a intensa agitación política e social que se vive no Estado, marcará provavelmente a sua evoluçóm profesional ao largo da vida e determinará unha outra das suas constantes vitais: a defésa intransigente dos doentes frente ás imposicións das institucións sanitárias. Unha constante que fará com que, ao largo da sua vida laboral, sacrifique sempre a comodidade profesional e a estabilidade económica em defésa dos seus principios.

Em 1977 viaja á Itália onde toma contacto com o movimento anti-psiquiátrico, empapa-se dos seus plantejamentos e centra a atención nos aspectos sociais e económicos que envolvem os puramente clínicos na relación médico doente. De volta ao Estado, trabalha no Hospital de La Paz (Madrid) entre 1978 e 1980. Posteriormente, no hospital psiquiátrico Alonso Vega, donde é despedido por apoiar unha greve de doentes que reivindicavam melhora sanitárias. Esta será outra constante da vida do *Muntxa*: o rechaço ao corporativismo profesional, a posición sempre á beira dos doentes assumindo as suas reivindicacións e, como consecuencia, unha sucesóm de despedimentos e transferéncias de centro de traballo só comprensíveis á luz desta postura pessoal e política.

Chega á Galiza

Em 1980 aquel jovem contestatário de complexóm forte, formación marxista e ólhada incisiva, inimigo radical dos privilégios e disposto a fazer da sanidade mais unha frente da luita política e social, chega á Galiza para trabalhar no Hospital de Conjo. O centro sanitario vive unha intensa conflictividade laboral á que *Muntxa* se incorpora desde o primeiro momento como parte activa. Toma contacto com a identidade nacional galega e, desde o primeiro momento, desenvolve os esforços necesarios para *assimilar-se* e integrar-se no povo que o acolhe e com o tempo *quererá* como um dos melhores dos seus. Filia-se ao sindicalismo nacionalista na ING.



Com discontinuidades, a etapa de Conjo remata em 1988. Neste centro é expedientado e despedido após umhas declaracións críticas sobre Psiquiatria Asistencial num programa de TVE. A empresa assegurará que *Muntxa* comete "*infracción del deber de lealtad hacia la Empresa, transgresión de la buena fe contractual y abuso de confianza*", eufemismos que ocultam o rechaço á sua posición e á sua simultánea militancia política e sindical. Mobilizacións e pintagens de denuncia encherám Compostela denunciando o seu despedimento.

O combate profesional do Moncho simultaneará-se com um permanente combate político e sindical nacionalista, principal centro das suas preocupacións. Contava-nos nos últimos tempos que, nos primeiros tempos de Conjo, dirigentes de CCOO lhe recomendaram a filiación á ING porque "tu precisas algo mais do que CCOO". Assim as cousas, *Muntxa* fai-se galego por propia vontade, abraça para sempre este povo e a causa nacionalista e incorpora-se á UPG e á ING, sindicato nacionalista no que jogará um papel destacado.

Luita independentista e militancia contra a represión

Muntzaraz milita na UPG até o V Congreso em 1986. É nesta data quando, á vista da deriva institucionalista e autonomista que adopta definitivamente este partido, abandona-o e participa com centenas de militantes na constituçóm do Partido Comunista de Liberación Nacional (PCLN), organización comunista e independentista. De pano de fondo desta decisión, a posición revolucionária e marcadamente

classista que sempre mantivo, a sua absoluta liberdade de critério e o rechaço ás estratéxias de acomodamento, tanto ao sistema quanto ás hierarquias partidárias.

Em 1988 participa na criação da Frente Popular Galega, unha organización frentista resultante dos esforços do PCLN e Galiza Ceive (OLN). As diferentes posicións existentes no interior da FPG ante o desenvolvemento do accionarm armado do Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive (EGPGC) farám com que se produza a cisóm da que nasce a Assembleia do Povo Unido (APU). Novamente, *Muntxa* fai parte dos cidad@s e será membro fundador da APU em 1989. O seu filho Iñaki, ainda cativo, exprimindo inconscientemente a coeréncia estratéxica do pai espetá-lhe um bom día "Papá: mudas muito de partido, mas sempre levas a mesma bandeira".

Som tempos esperancados mas duros para o independentismo. Como é lei, o desenvolvemento da luita traz aparelhada a intensificación da represión e dezenas de militantes som detid@s, torturad@s e encarcerad@s. Moncho está desde o primeiro momento á beira dos que conhecem em primeira persoa a tortura, a dispersión e o cárcere; participa na constituçóm de Comités Anti-repressivos vinculados a detencións de persoas concretas e, posteriormente, nas Juntas Galegas pola Amnistía (JUGA) nas que joga um destacado papel. Aliás, será o promotor esencial para a constituçóm do colectivo Sanitarios pola Amnistía e contra a Tortura (SAT).

Fruto desta síntese inusual entre militante revolucionário e profesional da Medicina, Ramón Muntzaraz percorrerá dúzias de veces a geografia do Estado para visitar os presos e presas independentistas nos cárceres da dispersión e ofrecer as suas atencións médicas. Mostra desta implicación no traballo anti-repressivo é o amplissimo arquivo pessoal que construiu sobre esta matéria e do que fam parte trabalhos médicos, publicacións, definicións de estratéxias, etc. Unha constante que manterá até marchar de entre nós e que o levou a implicar-se nos labores de solidariedade com os actuais presos independentistas galegos.

"Reorganizar o movimento"

Preocupação permanente do *monstruo* intelectual que foi Ramón Muntzaraz, sempre dedicado á reflexóm sobre as mais diversas esferas do saber e da acción política, foi reorganizar o independentismo galego. Recordemos que em 1995 a APU que contribue para fundar *acorda* auto-dissolver-se. O *Muntxa*, que sempre vincou na necesidade de organización e disciplina, reage ao facto de o movimento ficar orfo de referente político e, sendo motor fundamental do proceso, impulsióm a constituçóm do Comité Independentista Galego Provisório (CGIP) que fai pública a sua *Declaración Política e Ideológica* em Outubro de 1995 e age até finais de 1996, dando passagem ao Grupo Organizativo de Base e o Foro Independentista. Durante 1996 e 1997, Muntzaraz desprega unha intensa actividade dirixindo-se



17:00 h: Apresentação do Acto: Xan Carlos Anstia Intervencións de Manuela Muncharaz, Luis González Blasco "Foz", Joam Lopes, Emílio González, Carlos Cañas, Esperanza Ponce, Xosé Seixas, X. M. Belras, Ma-ríano Abalo, Xan Carballo, Antóm Arias Curto, Eva Lofra, Xoséfa Rodríguez Porca, Joam Peres, Ulgio Ca-manho, Francisco Manuel González Sanches "Nolim", Ao longo do acto intercalaráran-se as actuacións musicais de Laura e Marina Quintillán, A Quenlla, Xico de Carinho e Tino Baz Dirección artística: Eduardo Rodríguez "Tatañ"

Homagem Popular
17 de Janeiro 2009
Auditorio da Galiza, Compostela